

ICMBio

Edição 602 – Ano 13 – 2 de julho de 2021

em foco



**Brigada Wellington Peres
se apresenta em Brasília**

Mulheres em combate

**Brasília ganha "patadestre",
faixa para travessia de animais**

Brigada Wellington Peres se apresenta em Brasília

No dia 25 de junho, o ICMBio deu início a mais um projeto para incrementar a estratégia de prevenção e combate aos incêndios. Cem brigadistas se apresentaram em Brasília para compor a Brigada Wellington Peres, uma brigada nacional e de pronto emprego.

Esta modalidade é uma reivindicação dos servidores que trabalham com fogo no órgão já que garantem maior agilidade no acionamento em caso de emergências ambientais. Unidades de conservação e Núcleos de Gestão Integrada (NGIs) continuam com suas brigadas contratadas localmente, porém, em caso de incêndios que cheguem ao nível 3 (quando são necessárias forças federais), a brigada nacional pode ser acionada, evitando deslocamento de brigadas de outras UCs. Além disso, de acordo com o coordenador de Prevenção e Combate a Incêndios

(Coin/CGPRO/Diman), João Morita, a brigada nacional estará pronta para apoiar ações fora de unidades de conservação.

São 14 esquadrões, 12 deles com sete brigadistas (incluído o chefe do esquadrão) e dois com oito brigadistas. Uma novidade é a presença das mulheres, tendo pelo menos uma em cada esquadrão. Os brigadistas passam por processo de formação até o início de julho por instrutores do ICMBio e depois ficarão sob o comando da Coin.

A brigada nacional recebeu as boas-vindas do presidente do ICMBio, Fernando Lorencini e de todo o corpo diretivo da instituição. Em seu discurso, Lorencini enfatizou a confiança que a sociedade deposita nos profissionais. “Para impedir que as nossas florestas, os nossos animais, sobretudo, as pessoas, sejam atingidas por incêndios sem controle, estamos adquirindo viaturas e equipamentos novos; aprimorando o conhecimento dos nossos brigadistas e técnicos e intensificando a estratégia do Manejo Integrado do Fogo”, disse Lorencini, em seu discurso.

HOMENAGEM A WELLINGTON PERES

Em 2020, o ICMBio perdeu um colega após um trágico acidente durante um combate no Parque Nacional das Emas. Wellington Peres era analista ambiental do ICMBio e nos deixou precocemente, com apenas 41 anos. Peres era um dos muitos entusiastas do tema, especialista em combate e que sempre respeitava o fogo.

É em homenagem e honra a Peres que a primeira brigada receberá o nome dele e carregará o seu legado.

PRIMEIROS CONTATOS

Professores, biólogos, ex-militares, bombeiros civis, brigadistas civis... são várias as profissões, idades, origens, experiências. Em comum, a vontade de ajudar o seu país e defender o meio ambiente e a biodiversidade.

A brigada dos cem brigadistas de Brasília é formada por gente que respirou a fumacinha do fogo e “viciou”. Gente como Adilson Nascimento

Araújo, de 42 anos, 12 deles dedicados ao fogo. Adilson serviu como brigadista do Parque Nacional de Brasília durante os últimos anos e já esteve em ocorrências importantes como no Pantanal, no ano passado. Um pouco mais novo que Adilson, Welguer Nunes Pereira, conhecido como Goiano, também está há doze anos servindo como brigadista.

A eles se somam marinheiros de primeira viagem, como Rosivaldo Henrique, que antes de entrar na brigada nacional trabalhava no comércio da Capital brasileira. Rosivaldo fez o curso de brigadista há alguns anos, mas atuou profissionalmente em outras áreas antes de aceitar o desafio.

Messias Lopes também é iniciante. Ex-militar, Messias já atuou nas áreas de resgate e salvamento. Messias acredita no trabalho dos brigadistas como verdadeiros heróis, que lutam contra todas as adversidades para proteger a natureza e as pessoas.



Brigada de pronto emprego receberá o nome de Wellington Peres, servidor do ICMBio falecido em combate

A proximidade com a sociedade também serviu de inspiração para muita gente, como a Diana Rocha. Voluntária na Floresta Nacional de Brasília, ela decidiu se inscrever para a brigada nacional após observar o trabalho dos brigadistas na Unidade de Conservação. Assim como ela, pessoas que frequentam o Parque Nacional ou a Floresta Nacional de Brasília, como ciclistas, trilheiros e voluntários, se animaram ao ver este trabalho repleto de coragem e determinação.

Apesar de a apresentação oficial ter ocorrido no dia 24 de junho, a capacitação dos cem brigadistas começou nos dias 21 e 22 de junho com instrutores da Gerência Regional do Sudeste (GR4), do Parque Nacional da Serra dos Órgãos e da Floresta Nacional de Três Barras.

Para minimizar a aglomeração, a formação dividiu os brigadistas em dois plantões, que vão se alternar durante os dias da semana. A seguir, eles foram divididos em esquadrões: Alfa, Bravo, Charlie, Delta, Echo, Foxtrot e Golf; Hotel, Índia, Juliet, Kilo, Lima, Mike e November (estes nomes vêm do alfabeto fonético usado por organizações internacionais como a Otan). De acordo com Luiz Felipe Pimentel, um dos instrutores, os esquadrões foram divididos pensando em equalizar o número de brigadistas experientes, novatos e mulheres, de modo que cada esquadrão tenha mais ou menos o mesmo nível de força.

O dia começa com a educação física. Manter o condicionamento físico é muito importante para o brigadista já que eles podem percorrer longas distâncias, em condições adversas e até mesmo em terrenos íngremes, como montanhas, ribanceiras e formações rochosas, carregando equipamentos. O bom condicionamento físico pode ser crucial em situações-limite, que coloquem em risco a vida do brigadista ou de seu colega.

A seguir, foi a vez dos brigadistas aprenderem comandos básicos (como sentido, entrar em forma etc). Apesar de serem civis, esses comandos são usados por militares durante os combates e são importantes de serem aprendidos pelos brigadistas porque dentro do combate a linguagem deve ser a mais padronizada possível. A



Ramilla Rodrigues

Brigadistas durante exercícios de condicionamento físico

oportunidade serviu para que os instrutores avaliassem a capacidade de iniciativa, liderança e organização dos chefes de esquadrão. “Os chefes são o espelho da brigada. São eles que respondem aos comandantes, organizam os trabalhos de seus brigadistas em campo, e de uma certa forma, são responsáveis pela integridade e vida de cada um”, ressalta Pimentel. “Por isso, o nível de cobrança sobre eles pode e deve ser maior”.

Depois disso, hora de ir para a sala de aula. Por causa da pandemia, a Coin organizou com a equipe de técnicos videoaulas sobre cada temática. A primeira foi sobre o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) a lei que versa sobre as diferentes categorias de unidades de conservação. A seguir, os brigadistas aprenderam sobre Ética, Deveres, Direitos e Responsabilidades.

Embora temporários, os brigadistas estão submetidos às mesmas leis dos servidores públicos federais efetivos. Eles não podem por exemplo, praticar abuso de autoridade, devem contribuir para o bom clima institucional, devem ser apresentados em boas condições para o trabalho etc. Eles também foram orientados sobre como proceder com eventuais assédios da mídia e sobre condutas responsáveis nas redes sociais enquanto identificados.

Nos próximos dias, os profissionais devem aprender sobre aspectos técnicos e teóricos de ecologia e comportamento do fogo, como evolução de chamas, temperatura, material combustível etc. Eles ainda devem aprender sobre uso e manutenção de equipamentos, manejo integrado do fogo, estratégias de combate e ensino teórico de técnicas (aceiros negros e mecânicos, queimas prescritas e controladas). A formação será complementada por atividades práticas.

CONFIRA NA ÍNTEGRA O DISCURSO DO PRESIDENTE:

Senhoras e senhores, bom dia, em primeiro lugar eu gostaria de agradecer a presença de todos.

Hoje, estamos diante da realização de um sonho, uma ideia que há muito tempo era desejada pelos nossos servidores mais antigos que é a brigada de pronto emprego para reforçar o trabalho das brigadas regulares de cada Unidade de Conservação.

Seguramente, dentre os grandes desafios do ICMBio na proteção das 334 unidades de conservação federais do país com maior biodiversidade do mundo, estão as ações de prevenção e combate a incêndios.

Para impedir que as florestas, os animais e, especialmente, as pessoas que vivem nas nossas Unidades sejam atingidas por incêndios sem controle, efetivamos um grande esforço até aqui. Adquirimos viaturas e equipamentos novos que estão em fase de produção e entrega; aprimoramos o conhecimento dos nossos brigadistas e técnicos e intensificamos as estratégias de prevenção, como por exemplo, o Manejo Integrado do Fogo, que busca conciliar o uso do fogo, com as necessidades das comunidades e a preservação ambiental. Lançamos editais para a contratação de mais de 1500 brigadistas, que nos ajudarão nesta importante missão.

Neste ano, aumentamos em 60% a nossa frota de air tractors em comparação ao ano passado. Teremos, também, a locação de helicópteros que irão auxiliar nos deslocamentos das equipes de combate, e assim, responder ao fogo de maneira mais rápida.

Temos a Brigada Pronto Emprego, que é novidade no ICMBio, essa brigada irá dar apoio às unidades de todo o Brasil.

Não vamos parar por aí. Temos, seguramente, no ICMBio, alguns dos maiores especialistas no Brasil na prevenção e combate a incêndios florestais. Eles estão com a missão de pesquisar e indicar o que há de mais moderno no mundo para que possamos dotar, ainda mais, nossas brigadas com equipamentos e tecnologias de ponta.

A boa notícia: alguns desses servidores altamente especializados são seus instrutores. Aproveitem ao máximo o conhecimento e experiência que possuem.

Assim, quero desejar boas-vindas a todos vocês, agradecer a disposição em ajudar o nosso País. O trabalho de vocês é muito importante para o meio ambiente e para o ICMBio.

Vale destacar que mais de 10% desta Brigada de Pronto Emprego, que se encontra aqui hoje, é composta por mulheres. Todos os esquadrões possuem ao menos uma mulher.

Vocês se juntam às grandes mulheres que integram nosso Instituto e cuidam com tanto carinho, cuidado e dedicação da proteção de nosso meio ambiente.

Que vocês sirvam como exemplo de coragem e inspiração a outras mulheres à frente desta nobre missão.

E, é em homenagem e reconhecimento às mulheres e homens que arriscam suas vidas para proteger o meio ambiente, um patrimônio que é de todos, que essa brigada será chamada de Wellington Peres. Wellington Fernando Peres Silva foi um servidor do ICMBio, analista ambiental, brigadista e um bravo guerreiro que, lamentavelmente, perdeu sua vida enquanto lutava contra um incêndio florestal no Parque Nacional das Emas, no ano passado.



Marília Ferreira

Presidente do ICMBio dá as boas-vindas aos brigadistas

Assim como vocês, Wellington foi um guerreiro que lutou por sua vida até o final. Ele acreditava nos nossos valores e na nossa missão. Esta é uma grande responsabilidade que toda a sociedade brasileira está depositando nos senhores. Vocês, hoje, estão dando continuidade ao legado do Wellington e de tantos outros que acreditam verdadeiramente nesta missão.

Sejam muito bem-vindos ao ICMBio! Contamos muito com vocês!

Um forte abraço e que Deus sempre nos abençoe.

Incrições abertas

Chamada pública para projetos sobre o patrimônio espeleológico

[Clique aqui e saiba mais](#)

Mulheres em combate

Elas usam enxadas, machados, constroem acampamentos, usam bombas costais, abafadores... mulheres de fibra e coragem, elas são, aproximadamente, 10% do corpo de brigadistas do ICMBio. O número é distante da média de servidoras totais do órgão - 48% dos servidores efetivos são de mulheres – o que pode ser explicado pelo fato de a atividade ser uma área predominantemente “masculina”.

Elas competem em força e vontade em patamar igualitário com os homens e não recebem nenhuma regalia por serem mulheres: são submetidas aos mesmos exercícios e provas de aptidão. As atividades de agente ambiental temporário, que é o regime de contrato dos brigadistas, compreendem ações ligadas ao fogo, vigilância, administração, uso público e pesquisa e monitoramento. São atividades majoritariamente ligadas ao campo, exigindo força física e flexibilidade a condições adversas como pernoite em campo, caminhadas em altas temperaturas, carregar equipamentos etc.

Flávia Barreto já tinha sido estagiária do ICMBio. “Sei da credibilidade da instituição e para mim é um grande orgulho estar aqui hoje”. Além de Flávia, outras já tinham conhecimento do trabalho do ICMBio, como Diana, que era voluntária na Floresta Nacional de Brasília.

Para outras a motivação é mais antiga, tem um que de nostalgia dos tempos de infância, como a Sílvia Santos. “Eu sempre fui ligada ao meio ambiente, desde a minha infância, por isso, me tornar uma brigadista é uma realização de um sonho”, diz Sílvia Santos. Bacharel em Direito, Sílvia trabalhava anteriormente em atividades administrativas, no escritório. Criada em Prado (BA), região de influência de unidades de conservação como a Reserva Extrativista Marinha do Corumbau, Sílvia aprendeu desde pequena, com o pai, a importância da conservação do meio ambiente e a oportunidade de se tornar brigadista foi perfeita.



Mulheres compõem 10% dos brigadistas do ICMBio

Creunice Nascimento é a primeira mulher brigadista na Estação Ecológica da Serra das Araras, no Mato Grosso. Apesar de ser da região, ela passou a

ter mais conhecimento da unidade quando cursou Engenharia Florestal. Assim como Flávia, ela foi estagiária entre 2017 e 2019 e foi voluntária

do Programa de Iniciação Científica (Pibic) entre 2018 e 2019.

“Eu sabia que todo ano a UC tinha processo seletivo, e também o Marcelo (Marcelo Andrade, servidor da Esec Serra das Araras) me comunicou sobre o processo e me incentivou a participar, já que havia feito o Curso de Brigada em 2019”, conta Creunice. Ela espera que a experiência possa contribuir com seus conhecimentos como futura engenheira florestal. “Ser a primeira brigadista é um marco importante, tanto pessoal quanto para a UC. Espero servir como inspiração para outras mulheres, demonstrando que podemos ocupar o espaço que queremos desde que tenhamos oportunidades”.

“Eu havia tentando outras vezes, mas nunca conseguia. E ouvia de muitas pessoas que, pelo fato de ser mulher, eu deveria desistir”, conta. Assim como Sílvia, várias outras de suas companheiras também se identificaram com o relato. Várias estão ali apesar do desejo de familiares e amigos. “Você é mulher, você não consegue”.

“As mulheres sempre são vistas como sexo frágil. Além das funções que já temos na sociedade, estamos aqui hoje para mostrar que podemos também desempenhar esta função, que somos guerreiras, que vamos mostrar muitas coisas”, completa Amanda.

Para todas, o sentimento é unânime. Além da responsabilidade, as mulheres estão muito confiantes e cientes de que estão rompendo, aos poucos, com barreiras impostas por papéis de gênero. “Estamos representando grandes mulheres que, eu creio que vendo a gente, vão querer galgar esse sonho”, diz Sílvia. Creunice concorda: “Tratar de questão de gênero em qualquer espaço na sociedade é extremamente importante e necessário. Ocupar um espaço que, historicamente é masculino, por envolver trabalho pesado é um desafio que envolve quebra de estereótipos”.

Intercâmbio partilha experiências com fogo entre UCs no Norte do País

Entre os dias 9 e 13 de junho, a Gerência Regional Norte (GR01) promoveu um intercâmbio de Manejo Integrado do Fogo no Parque Nacional dos Campos Amazônicos (RO/AM/MT). O evento reuniu representantes do NGI Humaitá, NGI Roraima, NGI Cuniã-Jacundá, NGI Chico Mendes, Flona Iquiri e Base Avançada de Porto Velho-GR1, totalizando 14 servidores e, após tratativas com a Coordenação de Prevenção e Combate a Incêndios contemplou servidores do sul do Amazonas, Acre e Rondônia que ainda não tinham experiência com o tema.

Anfitrião do encontro, o Parna dos Campos Amazônicos é destaque no MIF nos últimos anos. Desde 2016, a UC realiza queimas prescritas como forma de manutenção de um enclave de cerrado em meio a floresta amazônica, pelo aprofundamento de experimentos científicos que visam compreender melhor a dinâmica do fogo na região e pela parceria com territórios indígenas vizinhos através de ações conjuntas com a brigada mantida pelo Prevfogo/Ibama na Terra Indígena Tenharim Marmelos.

O servidor Bruno Cambraia, que atua desde 2010 na região, foi instrutor da capacitação. Ao todo, os participantes tiveram mais de 40h de intensa imersão dos participantes envolvendo atividades de nivelamentos conceituais relativos ao comportamento do fogo, planejamentos em equipe, alvos de conservação e suas relações com o fogo, principais equipamentos, estudos científicos em andamento no Parque, ações de monitoramento, estudos de caso e muitas queimas prescritas, sempre com momentos de conversas em grupo e troca de informações.

“As queimas prescritas são a cereja do bolo do curso e como a maioria dos participantes ainda

não tinham contato com esta ferramenta do MIF, nós iniciamos as atividades práticas com uma ação bem simples e vamos elevando o nível de complexidade conforme avançamos nas conversas”, conta Cambraia.

Foram feitas 11 queimas prescritas, totalizando 3,8 mil hectares, que serviram para praticar o planejamento e o monitoramento pós queima em cada caso. Esse olhar individual para cada queima possibilita uma melhor compreensão dos participantes quanto aos fatores que influenciam o comportamento do fogo, como ele evolui em distintas condições de umidade, distribuição e tipo de combustível e os efeitos deste distúrbio nos diferentes tipos de vegetação, podendo ser áreas sensíveis, influenciadas e adaptadas ou dependentes do fogo.

Além das atividades, servidores do ICMBio prepararam palestras virtuais que abordaram Ecologia do Fogo, Manejo Integrado na Mata Atlântica, no Cerrado e na Amazônia; e conheceram detalhes do projeto de pesquisa denominado Campos Amazônicos Fire Experiment (CAFE) coordenado pelos Doutores Daniel Borini (UNESP-Rio Claro) e Antonio Laffayette (UNIR) e que conta com o apoio dos brigadistas do Parque e diversos alunos de mestrado e graduação. A pesquisa conta com apoio financeiro do CNPQ e FAPESP e objetiva em linhas gerais compreender as relações entre o fogo e a vegetação sobre fisionomias abertas da Amazônia.

Esse foi o segundo Intercâmbio de MIF no Parque, o primeiro ocorreu em 2019 e fez parte de uma série de 3 Intercâmbios organizados pela Coin e Acadebio naquele ano como forma de promover a troca de experiências sobre o tema fogo entre representantes de diferentes Unidades de Conservação e de outras Instituições parceiras.

Intercâmbio reuniu 14 servidores



José Granella

Brasília ganha “patadestre”, faixa para travessia de animais

Antes, a Capital do DF ficou nacionalmente conhecida como a cidade onde todos param na faixa de pedestre. Nesta semana, este gesto de cidadania também se estendeu para a bicharada. Em Brasília, foi instalada a “patadestre”, um local sinalizado com uma faixa de pedestres, mas colorida com imagens de patas de animais, na Área de Proteção Ambiental do Planalto Central.

O objetivo é alertar os motoristas sobre os pontos de passagem de animais silvestres para diminuir os riscos de acidentes e atropelamento da fauna nativa do DF. A intervenção tem autorização do Departamento de Estradas e Rodagem do DF (DER-DF).

“A proposta é para educar o ser humano, não o animal”, diz o coordenador da APA, Maurício Laxe.

Além da sinalização, o projeto também inclui a redução de velocidade nas áreas de risco para os animais que passam continuamente. No local da primeira patadestre do país, no Condomínio Mansões Colorado, no Lago Oeste, a velocidade foi reduzida de 60 km/h para 40 km/h. A sinalização reflete durante a noite e um quebra-molas complementa os avisos para a necessidade de desacelerar.

O projeto-piloto faz parte do programa Pra-fauna, do ICMBio, do Departamento de Estradas de Rodagem (DER) e da Administração Regional de Sobradinho II. Políticas públicas para a redução de atropelamento de fauna são estimuladas. “A ideia é que outras unidades da federação também possam instalar pontos de passagem da fauna silvestre, para chamar a atenção dos motoristas.”, completa Maurício Laxe.

Sinalização ajuda a conscientizar os humanos para locais de travessia de animais

ATROPELAMENTO DE FAUNA

Em 2019, um relatório produzido publicado pela Plataforma Intergovernamental sobre Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos, ligado à Organização das Nações Unidas (ONU), alerta que o atropelamento de fauna é uma das principais ameaças de mamíferos de médio e grande porte, ao lado da caça e do tráfico ilegal.

No mesmo ano, um estudo publicado pelo pesquisador Alex Bager como seu projeto de pós-doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), estima que mais de 2 milhões de animais perdem suas vidas todos os anos nas estradas e rodovias do Brasil. A pesquisa foi feita por meio de uma expedição, que percorreu 30 mil quilômetros de estradas adjacentes a *hotspots* de fauna, como unidades de conservação.

Os cachorros-do-mato são as principais vítimas (quando levadas em conta animais de médio e grande porte) - mais de um milhão de mortes são destes canídeos. Quando são considerados espécies menores, acredita-se que anfíbios e pequenas aves devem ocupar o topo deste triste *ranking*.

Só este ano, em diversos trechos do DF, pelo menos oito animais de grande porte – um veado, um lobo-guará, cinco antas e uma capivara – morreram atropelados.

A população pode auxiliar no monitoramento dos atropelamentos e, com isso, na elaboração de áreas estratégicas. Um dos meios é o aplicativo Urubu Mobile, disponível para iOS e Android, que ajuda a mapear atropelamento de animais silvestres e domésticos em todo o Brasil.

Aprimoramento do Programa Monitora almeja maior integração institucional

Nas unidades de conservação tem gente que sabe de cor onde encontra uma planta, tem na guardada na memória como e onde as tartarugas desovam e até juram saber conversar com os animais. Do outro lado, livros, espécies em latim e horas de dados analisados em laboratórios. Ao contrário do que se pensa, os saberes tradicionais e acadêmicos não são antagônicos - na verdade, eles se complementam e um pode aprender com o outro.

Buscando unir estes dois mundos, o Programa Monitora existe desde 2009. Sob a batuta da Coordenação de Monitoramento da Biodiversidade (Comob/CGPEQ/Dibio), o Monitora busca estruturar uma rede de monitoramento da biodiversidade que contemple as UCs em seus diferentes biomas e ecossistemas.

O Monitora é uma das ferramentas para mensurar a efetividade das UCs, buscar a utilização sustentável e conciliar estes interesses na conservação da biodiversidade, de modo a contemplar as realidades e expectativas dos gestores e das comunidades. Por isso, o Programa teve que se reinventar, desenvolvendo protocolos voltados para os ambientes aquáticos - Subprograma Aquático Continental, para os ambientes terrestres - Subprograma Terrestre, e para os ambientes marinhos e costeiros, incluindo a Amazônia, no Subprograma Marinho e Costeiro.

Nos dias 1 e 2 de junho, após 50 horas de trabalho, representantes dos Centros Nacionais

de Pesquisa, Coordenações e pontos focais com experiência na implementação do Programa chegaram a uma proposta de fluxos com as ações desempenhadas pelas diferentes unidades organizacionais do ICMBio, nos três subprogramas do Monitora (Aquático Continental, Marinho e Costeiro e o Terrestre), resumida em três etapas: Adesão, Implementação e Resultados.

Na etapa de adesão, a UC deverá se manifestar por meio de um questionário com perguntas básicas sobre as características da UC, equipe e infraestrutura presentes. Depois, a equipe da Comob e o Centro Nacional de Pesquisa pertinente avaliarão o pleito, considerando os alvos de monitoramento definidos. A seguir, haverá a capacitação do ponto focal da UC no Programa Monitora e depois a definição da estratégia de monitoramento para, enfim, a assinatura do Termo de Adesão.

Até o momento, 94 unidades de conservação estão listadas como integrantes do Monitora, mas nenhuma possui o Termo de Adesão assinado. Nos próximos dias, a Comob vai emitir uma orientação via Sistema Eletrônico de Informações (SEI) sobre os procedimentos necessários para regularizar a situação.

Na Rede ICMBio, a equipe da Comob disponibilizou um tutorial com as principais dúvidas do novo fluxo. Para acessar a página, clique [aqui](#).

Pesquisa Percepção Sobre Integridade Pública

Participe da pesquisa que tem como objetivo ouvir servidores sobre a percepção dos programas de integridade da sua instituição

[Clique aqui e saiba mais](#)

INTEGRATA+
Programa de Integridade do ICMBio

Espécies novas e raras são descobertas no Parque Nacional de São Joaquim

O país com a maior biodiversidade do mundo acaba de ganhar para o seu já rico plantel mais espécies novas e raras. As descobertas, desta vez, foram feitas no Parque Nacional de São Joaquim, em Santa Catarina, pela equipe de pesquisadores do Programa de Pesquisas Ecológicas de Longa Duração – Biodiversidade de Santa Catarina (PELD-BISC) e são plantas e fungos.

Os fungos foram descritos foram o *Antrodia neotropica* e *Fomitiporia nubicola*. Já a nova espécie de planta descoberta foi a *Delairea*

aparadensis. Esta habitante de matas nebulares já é considerada ameaçada de extinção em virtude da pressão e diminuição de seu habitat. A descoberta foi publicada na revista científica “Phytotaxa”, sendo este o primeiro registro desta espécie no mundo, e que potencialmente se trata de um gênero novo.

Além dessa nova planta encontrada recentemente, em 2020 a equipe dos projetos descobriu uma espécie nova de planta parasita de raízes, denominada *Prosopanche demogorgoni*, igualmente rara e com características muito singulares: vive a maior parte do tempo embaixo do solo e apenas aparece em cima da terra no período de floração.

As atividades da equipe de pesquisados do PPBIO-PELD no PNSJ foram iniciadas em 2013 e os resultados apresentados são importantes para a ciência e para a conservação da biodiversidade desta importante Unidade de Conservação. O coordenador do PELD-BISC e professor da

Universidade Federal de Santa Catarina, Selvino Neckel de Oliveira afirma que “além de contribuir para o conhecimento da biodiversidade do Parque Nacional de São Joaquim, o projeto está formando novos pesquisadores. Além disso, o PELD-BISC está buscando interagir com a comunidade local para mostrar as suas descobertas. Elas são nossas aliadas para a preservação ambiental”.

Elisandro Ricardo Drechsler-Santos, também professor da UFSC e coordenador do MIND.FUNGA que é voltado à pesquisas e monitoramento de fungos, explica: “desde o início do projeto já foram reconhecidas 159 espécies em 119 gêneros; mais de 10 novidades foram detectadas, sendo que algumas espécies e um gênero estão em processo de descrição ou publicação como novos para ciência; 9 das espécies que ocorrem na área de estudo do PNSJ foram classificadas em alguma das categorias de ameaça da IUCN, sendo 2 destas descritas como novas a partir

das pesquisas no PNSJ (*Antrodia neotropica*, *Fomitiporia nubicola*)”. Drechsler ressalta que a Funga brasileira é extremamente diversa e infelizmente não conta com um número de pesquisas proporcional com a sua riqueza, e na maioria dos casos, falta financiamento para projetos.

Descobertas como estas reforçam a importância do apoio e estímulo por parte da gestão das Unidades de Conservação ao desenvolvimento de pesquisas, cujos resultados podem contribuir não apenas com o maior conhecimento da biodiversidade, mas, principalmente, para assegurar a manutenção e conservação destes espaços naturais protegidos.



A. *Delairea aparadensis*, espécie de planta descoberta no Parna São Joaquim (Acervo



Meruliopsis cystidiata, espécie nova e rara no Parna São Joaquim



Antrodia neotropica, espécie de fungo descoberta na UC

Planejamento de Uso Público do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros atrai novas perspectivas

Que o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, em Goiás, é um dos mais queridos do País, não é segredo para ninguém. No ano passado, a unidade figurou numa seleta lista que reuniu os 25 melhores parques do mundo, escolhidos pelo site TripAdvisor. Em 2019, em tempos de visitação normal, o Parque costumava receber cerca de 80 mil visitas nacionais e até internacionais.

Mas o Parque Nacional não quer parar por aí. Para depois da pandemia, quando as visitas voltarem ao normal, a ideia é ampliar a visitação e consolidar de vez o Parque Nacional como uma potência de visitação. Para isso, seguindo princípios e diretrizes dos manuais e publicações do ICMBio, em especial os apresentados no Rol de Oportunidades de Visitação em Unidades de Conservação – ROVUC (ICMBio, 2018), a equipe do PNCV, com importantes parcerias locais, vem desenvolvendo trabalhos em campo e escritório no intuito de proporcionar à sociedade novas atividades, locais e experiências em contato com a natureza.

Uma dessas novas possibilidades é a abertura da Travessia São Jorge - Capela, que terá início no Centro de Visitantes em São Jorge e, após percorrer parte da atual Travessia das Sete Quedas, desce a belíssima Serra de Santana no sentido do Povoado da Capela, já no município de Cavalcante, em Goiás. Ao todo serão 24km de trilhas e estradas de terra, que também farão parte do Caminho dos Veadeiros, travessia de longo curso que se inicia no Distrito Federal, atravessando cenários incríveis do nosso Cerrado até a região da Chapada dos Veadeiros.

Ainda na região da atual Travessia das Sete Quedas, está planejada a abertura de trilha de 5 km que segue do camping até a parte alta do Vão das Fiandeiras, um dos maiores cânions da Chapada dos Veadeiros, com paredes rochosas de centenas de metros e paisagens espetaculares da Serra de Santana e das porções mais baixas a norte, no município de Cavalcante.

A extensão da própria Travessia das Sete Quedas é outra meta de gestão da UC, com aproximadamente novos 15 km de trilhas, chegando até a região do Morro da Baleia, onde será implantada área de acampamento. Ali também há planos para abertura de trilhas no entorno do Rabo da Baleia e até o mirante da Cachoeira da Bailarina.

Todo esse conjunto de atuais e novas trilhas possibilitará aos visitantes, caso desejem, permanecer por cinco ou seis dias caminhando em meio a cenários com rara beleza cênica, rios e

córregos com água cristalina, imponentes afloramentos rochosos com mais de um bilhão de anos e a proximidade e convivência com a biodiversidade do Cerrado inserida no Parque Nacional.

Pensando do mesmo modo no essencial princípio da diversificação de experiências aos visitantes, a abertura de novos setores de escalada em boulder, na região do Pouso Alto e de vias esportivas, no Morro da Baleia, igualmente fazem parte do planejamento e contam com a participação da comunidade escaladora da Chapada dos Veadeiros na concepção, planejamento, execução e monitoramento.

Outras oportunidades que estão sendo avaliadas incluem a abertura do setor de visitação em São Jorge em horários diferenciados para atividades de observação de aves, observação astronômica e trilhas noturnas, para grupos acompanhados por condutores cadastrados junto ao PNCV. Essas ideias serão levadas para discussão nas próximas reuniões da Câmara Temática de Turismo do Conselho Consultivo do PNCV (CONPARQUE).

E além da boa experiência do visitante, o outro foco do planejamento e gestão do uso público em unidades de conservação é a proteção dos recursos naturais e culturais. Nesse sentido e em parceria com a Associação de Amigos do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros – AVE, com as associações de guias locais e com o

proprietário do imóvel, está sendo implementado projeto na região do Sertão Zen, outro local de impressionante beleza cênica, com propósito de ordenamento da visitação no local. Entre outras atividades, haverá a abertura e a sinalização de nova trilha de acesso à cachoeira do Sertão Zen. A trilha atualmente utilizada passa por trechos de campos úmidos, compostos por terrenos e vegetação bastante frágeis ao pisoteio e que já se encontram com elevado nível de degradação. No futuro próximo, a intenção é viabilizar projeto de recuperação desses trechos mais impactados da trilha atual.

E todo esse esforço, bem como outras ideias e informações, serão reunidos no novo Plano de Uso Público da UC, que está em fase inicial de elaboração e em sintonia com o novo plano de manejo do Parque, que deverá ser publicado em breve.

Não menos importante, destaca-se ainda a elaboração do novo Sistema de Gestão da Segurança do PNCV. O Parque Nacional já conta com um documento sobre o tema elaborado pela equipe da UC. Contudo, a concessionária Sociparques contratou consultores especialistas no assunto que estão elaborando o novo SGS com base na norma ABNT NBR ISO 21101, que trata de turismo de aventura e que poderá servir de modelo para outras unidades do ICMBio e do SNUC como um todo.

Plano de Uso Público vai impulsionar visitação no Parna Chapada dos Veadeiros



ICMBio em Foco

Revista eletrônica

Edição

Ramilla Rodrigues

Projeto Gráfico

DCOM

Diagramação

Marília Ferreira

Foto da Capa

Marília Ferreira

Colaboraram nesta edição

AnaAna Luiza Castelo Branco – Parna de São Joaquim; Bruno Cambraia – GR1; Darlison Fernandes – Comob; Natalia Veloso – DCOM; Luís Neves – Parna Chapada dos Veadeiros

Divisão de Comunicação – DCOM

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio

Complexo Administrativo Sudoeste – EQSW 103/104 – Bloco C – 1º andar

CEP: 70670-350 – Brasília/DF | Fone +55 (61) 2028-9280

comunicacao@icmbio.gov.br | www.icmbio.gov.br



MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL